

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ
Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA
Proprietário da Confederação Geral do Trabalho
Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores
ANO VI—Número 1.673
Sábado, 10 de Maio de 1924
PREÇO—30 CENTAVOS

O Comité Confederal, reunido ontem, saudou todas as
Reúne hoje, pelas 21 horas, o conselho
de delegados da U. S. O. de Lisboa, para
se ocupar da greve dos transportes ur-
banos.

Lutar pela amnistia é lutar pela vida dos presos por questões sociais!

Com a presença do Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade reuniu ontem uma comissão pró-amnistia aos presos por questões sociais.

A amnistia aos presos é neste momento o assunto máximo do proletariado português. Por isso chamamos a atenção do povo trabalhador para as resoluções que ontem foram tomadas. Préviamos avisamos que nenhum valor essas resoluções terão se, com toda a alma e todo o entusiasmo, não forem acompanhadas pelo operariado.

Segundo resolução tomada na referida reunião, os advogados do mencionado Secretariado elaborarão um trabalho dirigido aos presidentes das duas Câmaras, lembrando a justiça da inclusão no projecto do senador sr. Procopio de Freitas, os presos por questões sociais que, como os militares, tem igual direito à liberdade.

O trabalho que os advogados vão elaborar deve ser levado ao parlamento na próxima segunda-feira. Porém, como ele não representa apenas o sentir do Secretariado mas o do operariado de todo o país, é preciso que este se disponha a ir em breve demonstrar perante o parlamento, que perfilha inteiramente a acção do Secretariado de Assistência Jurídica, e que o documento que vai ser entregue é escrito com a solidariedade dos milhares de operários que por todo o país vem reclamando a liberdade dos presos por questões sociais.

Nesse dia nem um só proletário deve ficar em casa; nem uma só mulher que tenha coração deve deixar de acompanhar a população operária nessa manifestação!

A luta mais bela é a que se trava pela liberdade. A liberdade é a vida. Proletários lutai pela amnistia aos presos por questões sociais que é lutar pela vida dos encarcerados!

O Estado capitalista é a Moagem! A Moagem é o Estado capitalista!

A Moagem maneja o poder legislativo e o poder executivo no parlamento e nos governos. Tem nas suas garras a imprensa que mal alimenta os espíritos e o pão que mal alimenta os corpos. Sugou todas as energias do Estado PARA DESTRUIR A MOAGEM É PRECISO DESTRUIR O ESTADO!

Factos sucedidos ultimamente e outros que há alguns anos vem agitando a opinião pública demonstram claramente que os grandes potentados da indústria e da finança lançaram mão da imprensa para iludir o povo e defender capiosamente os seus interesses mesquinhos, bem contrários aos interesses do país.

Esses factos revestiram um aspecto escandaloso e o público apercebeu-se do ludíbrio constante de que estava sendo vítima. Quando certos jornais falavam dos «magnos interesses da pátria» eram os interesses da Moagem que defendiam; quando se indignavam contra «os desordeiros que pretendem tudo subverter» referiam-se às pessoas de bem que, percebendo os seus interesses mesquinhos das sinagogas capitalistas.

Porém, as ambições desmedidas dos componentes dessas sinagogas, transformam-se de quando em quando em formidáveis escândalos e nessas ocasiões o país daquela alma sórdida era verdadeiramente perante a assistência de alguns milhares de leitores.

São célebres alguns desses escândalos. Há anos o do *«Século»*, que obrigou Silva Graça a vir de Paris a Lisboa renegar o filho nas colunas do jornal afirmando que ele andava a negociar a sua honrabilidade, foi o primeiro esboço de pús que saltou desse corpo apodrecido que é a imprensa capitalista. Mais tarde o caso Cunha Leal pôs a nu outra ferida purulenta; ultimamente a saída dos redactores do *«Diário de Notícias»* colocou mais uma vez em foco os interesses baixos que animam os proprietários da grande imprensa.

O principal orientador da opinião e dos actos públicos é presentemente a imprensa diária. Não há lar por onde não tenha passado um jornal, não existe criatura que sabendo, pelo menos solitário, não receba a influência dos jornais. Se esses jornais não forem dirigidos por pessoas escrupulosas, se quem os escreve não tiver a noção da tremenda responsabilidade das suas palavras—al do povo que se guia pela leitura!

A desorientação presente, a desmoralização, a ignorância, que se verificam na sociedade portuguesa são devidas quasi exclusivamente à influência dilaceradora dos dois maiores jornais do país: o *«Século»* e o *«Diário de Notícias»*.

Sob o ponto de vista social, o povo que se deixou guiar por eles, perdeu a noção do justo, do progressivo, do humano.

Em matéria literária, habituou-se a considerar geniais os literatos cabotinos e desmoriados. Em arte apontou-lhe como belo, o que é deformado, gauche e antiquado. Em teatro incitaram-no a escolher a revista pornográfica, desviando-o das peças de ideias, de sentimentos puros e de renovação espiritual.

O ambiente tecido em torno do leitor por esses jornais é tão denso de podridão que admira que haja ainda quando em vez um gesto altruista que se destaque, uma voz livre que se erga!

A Moagem, esse espectro nojento, que há de arrastar todo o país à mais completa ruína é a alma dessa podridão. É ela que molda essa imprensa aos seus interesses de banditismo. Corrompe, soborna, envenena! Maneja os jornalistas, compra deputados e possui ministros que a servem. Tem na mão tudo, desde o poder que legisla ao poder que executa, desde a opinião pública ludibriada ao pão que mal nos alimenta. Tem tudo nas suas garras. Mas é a imprensa, são os jornais de maior circulação—o *«Século»* e o *«Diário de Notícias»*—que lhe asseguram esse predomínio infame.

A Moagem adquiriu hoje uma força tão grande, tão avassaladora, tem esmagadora; absorve de tal forma a vida da nação; transformou com tal habilidade os órgãos vitais do Estado português em seus órgãos privativos—que para destruí-la, porque ergue destruí-la é necessário arrazar o próprio Estado capitalista!

O dr. sr. João Camoazes, embora tarde, apercebeu-se desse poder imoral, notou o perigo que constitui para um povo civilizado o assombroamento da grande imprensa por um potentado egoísta, e quiz debelá-lo. Quiz libertar o espírito popular, libertando a imprensa, arrancando-a das garras das grandes empresas industriais e financeiras.

Apresentou um projecto de lei no parlamento, no qual se pretende cercar a liberdade de imprensa a esses organismos capitalistas.

O dr. João Camoazes quiz derrubar um castelo sólido com alguns vistosos tiros de papel.

Esqueceu-se aquele deputado de que se diz por aí alto e em bom som, que no parlamento há mais de quarenta deputados vendidos à Moagem; esqueceu-se de Camoazes de que a vida dos governos depende absolutamente desses dois jornais: o *«Século»* e o *«Diário de Notícias»*, isto é, da Moagem; esqueceu-se de que nas fileiras republicanas, exercendo cargos de maior influência no país, há cavalheiros ao serviço da Moagem; esqueceu-se de que o seu projecto é guardado pelos próprios jornais da Moagem, os mais poderosos; esqueceu-se de que há muitos jornalistas a afectar uma honestidade ridícula que, como o sr. Amadeu de Freitas, nos jornais da Moagem vem apregoar independência moral; esqueceu-se de que tudo absolutamente tudo que representa força no nosso país, desde os governos ao parlamento, do parlamento à força pública, gira em torno dos interesses da Moagem.

Por isso o projecto de lei do dr. João Camoazes se foi discutido e emendado pelos parlamentares da Moagem, transformando-se há não num dique à liberdade de imprensa dos potentados, mas numa mordaza ignóbil e asfixiante para a pequena imprensa honesta que ela classifica de «desorientadora da opinião pública».

Hoje só há uma atitude honesta para os homens que ainda tem pudor intelectual: que ainda conservam no coração virtudes sãs, que iludidos e bem intencionados, nos governos, no parlamento, na vida pública, enfim, se sentam ao lado dos delegados da Moagem que por toda a parte pululam—só uma atitude honesta: abandonar esses antros e vir para aqui, para a nossa beira, para nossa barricada pegar numa arma e fazer a grande revolução emancipadora!

Homens de bem, gente honesta, lutai contra a Moagem, contra o Estado capitalista!

A Voz do Operário em Mãos Suspeitas

História verídica duma regente que não regia mas apenas se governava

A Sociedade de Instrução e Beneficência A Voz do Operário, criada por uma pleiade de velhos operários, que almejaram difundir a instrução pelos filhos dos seus camaradas de trabalho, nasceu no sentimentalismo da população alfaiada, que contribui e concorre com uma pequena migalha, arrancada à sua magra refeição, para a manutenção e engrandecimento da Sociedade, que se destina a tam benemerente objectivo: a educação infantil.

Fundada há 45 anos, tantos benefícios tem prestado à causa da instrução, que se contam por muitos milhares os operários que ali têm recebido educação. Grande e sublime obra a desses velhos e ignorados apóstolos, que assim impulsionaram a evolução da humanidade pela difusão do ensino!

Mas parece ser destino humano que tudo quanto o sentimento cria na mais elevada e sublime aspiração, é mais tarde deturpado pela falta de idealismo dos continuadores da obra, que a não sentem, e dela apenas pensam arrancar pingues benefícios!

A Sociedade mantém hoje um bom número de escolas—privativas e de contrato—e tem um grande núcleo de professores ao seu serviço. A sua função social é das mais elevadas, e por isso mesmo se deve escrupular na sua administração, que hoje está sob a persistente vigilância dos sócios auxiliares, em virtude dos sócios efectivos abandonarem os destinos da Sociedade aos caquiques reles que dela sugam benefícios ou apadrinharam interesses pouco legítimos.

Especialmente o professorado que merece a nossa maior atenção, pelo papel educativo que representa na Sociedade e pela função moral que lhe está adstrita.

A escola privativa n.º 2 tem uma regente que superintende na sua direcção, com professoras suas subordinadas. A regente é a directora, e como tal tem a máxima responsabilidade no funcionamento da escola e no aproveitamento que dela tiram as crianças. Por essas funções recebe, além do ordenado, uma gratificação.

Há uns 16 anos—segundo afirmou o seu compadre Cunha na última assembleia—que esta senhora é professora oficial, e como não tem o dom da ubiquidade, não pode acumular os dois lugares, por coincidência com as mesmas horas de serviço. Passam-se, por consequência, alguns meses que essa senhora não comparece ao serviço.

A alta missão educadora duma professora acarreta responsabilidades de tal ordem, que, a não serem cumpridas, podem ter uma grande influência na formação do carácter das crianças.

Julgamos mesmo que as professoras têm maiores responsabilidades, porque sendo educadoras e orientadoras de meninas, estão preparando as mães, verdadeiras educadoras da futura geração.

Do bem e do mal que andam pelos caminhos da vida são em boa parte responsáveis aqueles que se consagram com alma ou sem ela à obra de educação. E' deles que depende, não di-

rei tudo, mas uma parcela considerável do destino humano. (Dos *«Problemas Escolares»*, do ilustre pedagogo Faria de Vasconcelos).

Pois a sr.ª D. Deolinda Salgueiro Lopes, regente da escola n.º 2, esposa do patriarca José Luis Lopes, compadres do director Cunha, que durante alguns meses não comparece ao serviço, quando aparece entra alternadamente às 13 e 15 horas, quando a hora de entrada nas escolas é às 9, não pode por isso cumprir as respectivas disposições regulamentares, dando margem, pelo seu procedimento, a que as suas subordinadas, que da sua conduta moral, devam receber ensinamentos, possam abandonar-se, sem a vigilância que lhes falta, na sua alta missão educadora. Felizmente tal facto parece não se observar naquela escola, porque os seus subordinados, que são os alunos, todos os anos apresentam bons resultados do seu trabalho.

Invertem-se os papéis. A moral, que devia dominar a regente, neste caso, vem das subordinadas.

Outro tanto parece não acontecer com a regente, que, no final dos anos, não tendo podido preparar as crianças, pelas inúmeras faltas que dá, e o número de reprovações poder ser exagerado em relação ao confronto com o das suas colegas, não dá publicidade, nos respectivos mapas, das reprovações das alunas, e troça até o termo de reprovação por desistência!

Que os sócios auxiliares, pais das crianças, vejam como estão bem entregues as suas filhas!

Não sabemos o que fazem os fiscais escolares.

Em fins de 1916, a sr.ª D. Ana Conceição Pereira Martins, regente da escola n.º 4, tendo sido chamada ao serviço oficial, pediu para ficar na mesma situação da sr.ª D. Deolinda Salgueiro. Foi-lhe negado pela direcção, por ser uma situação imoral, e não ser compatível com os interesses da sociedade.

É a própria direcção que reconhece a imoralidade da situação da regente da escola n.º 2, na resposta dada à regente da escola 4. E' porquê? Porque esta última tinha a infelicidade de não ser comadre do sr. Cunha!

Ao nosso compadre grossa fatia. Mas a falta nestes casos não sai da algeibra do compadre, mas dos cofres da Sociedade!

Este assunto da regente foi largamente debatido na comissão conjunta, chegando alguns a apontar-lhe de imoral, e dois dos dirigentes manifestaram a sua admiração e ignorância do facto. O relatório da comissão aponta-o, o sr. Cunha, para o não assinar, por pôr em relevo os escândalos da comadre, pretextou não concordar com ele em certos pontos, e os dois dirigentes que ignoravam o facto—figuras ornamentais—igualmente o não assinaram pelas mesmas razões apontadas pelo sr. Cunha, e que os sócios auxiliares só chegaram a saber quais eram, pela hipocrítica defesa dos corpos gerentes, que sobre este caso faz o maior silêncio. Tendo sido o facto mais debatido na assembleia, pelo escândalo que revestia, até o relato da sessão inserido na mesma página, a ele se não refere.

Nós já estamos habituados a conhecer da moral de certos indivíduos, não pelo que dizem, mas pelo que ocultam. E o órgão da Sociedade de Instrução e Beneficência A Voz do Operário, mantido com o dinheiro da Sociedade, não podia referir-se ao escandaloso caso, porque actualmente não serve os interesses da colectividade, mas o da sinistra trindade Cunha—José Luis—Deolinda Salgueiro.

José Maria GONÇALVES

Realizam-se amanhã as eleições dos corpos gerentes da Sociedade. Constatamos que o pessoal das fábricas de tabaco, em virtude da campanha que levaram contra a sinistra trindade que ali tem pontificado, deliberou acordar do letargo em que se mantinha, apresentando ao sufrágio uma lista constituída por verdadeiros manipuladores de tabaco, únicos que, por lei, podem dirigir a colectividade.

Chamamos a atenção dos sócios auxiliares para esta eleição, pela sua importância, pois representa a reconquista da Sociedade pelos antigos elementos da classe, que se tem aliado dos destinos da mesma, pedindo-lhes que vão assistir a esta eleição, pois que a sua presença representará um estímulo aos novos dirigentes, que tem no seu programa o saneamento de todas as immoralidades que poderiam fazer sosobrar uma colectividade, que todos devemos defender.

J. M. G.

O CONGRESSO FEMINISTA e DE EDUCAÇÃO

ENCERROU ONTEM OS SEUS TRABALHOS

Foi aprovada uma saudação à mulher operária e recebida com altação uma saudação da C. G. T.

Encerrou ontem os seus trabalhos o 1.º Congresso Feminista e de Educação. A sessão de encerramento iniciou-se pouco depois das 21 horas. Foi presidida pelo sr. Francisco Xavier da Costa e secretariado por D. Justa Mendes e D. Laura Corte-Real.

O sr. Francisco Xavier da Costa, afirmou algumas frases, em nome do sr. ministro da instrução, a sua simpatia pelo congresso.

D. Deolinda Lopes Vieira, enviou para a mesa uma saudação à mulher operária que é concebida nos termos que seguem: «O Congresso Feminista e de Educação, constituído por trabalhadoras das chamadas profissões liberais, saúde, ao encerrar os seus trabalhos, as suas companheiras de oficina, afirmam-lhes a sua solidariedade e consideração pela função social que desempenham e, faz votos porque revidem, ao lado dos seus companheiros, os direitos a que têm direito. Outrosim, o Congresso manifesta o seu desejo de ver todas as mulheres, que exercem profissões, empregadas todos os seus esforços para uma conquista consciente e elevada dos seus direitos de trabalhadoras».

O congresso manifesta-se, aprovando-a por aclamação.

D. Adelaide Cabete propôs que sejam enviados telegramas de saudação a lady Alberdine e D. Carolina Michaelis de Vasconcelos. E' aprovado.

Armando Luis Rodrigues defende o critério de que os poderes constituidos devem proteger e acarinhar as menores delinquentes.

Procede-se à leitura da tese «Solução Biológica do problema educativo» do dr. sr. João Bentes Castel Branco. Esta tese apresenta o projecto de estatuto do Instituto de Educação Popular. Juntamente é também apreciada a tese do mesmo sr. «Solução Biológica do Problema da Assistência».

O autor, finda a leitura das suas teses alargou-se em considerações atinentes a demonstrar o valor das doutrinas nelas expostas.

D. Deolinda Lopes Vieira diz que os professores já estão habilitados a exercer a chamada «educação funcional».

Depois, num tom veemente, dirige-se ao representante do ministro da instrução afirmando-lhe que esses princípios educativos não tem sido postos em prática por culpa exclusiva do Estado.

O dr. sr. Arnaldo Brazão propôs que sejam confiados ao Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas o encargo de enviar todos os esforços para que as mulheres sejam admitidas na administração das Misericórdias.

A seguir é lida a seguinte saudação da C. G. T.:

Ao 1.º Congresso Feminista e de Educação—Lisboa,

A Confederação Geral do Trabalho de Portugal, como organismo promotor de ideias novas de fraternidade e de justiça social, e de luta pela liberdade integral da espécie humana, não podia ser indiferente a reunião em Congresso das mulheres portuguesas. E tendo, de facto, acompanhado com o máximo interesse os trabalhos desse Congresso e constatado com todo o prazer a orientação progressiva que tem norteado o espírito dessa assembleia, vimos saudar nas mulheres que tomam parte nesse Congresso, as mulheres portuguesas que aspiram a conquistar os legítimos direitos que o capitalismo, a moral legalizada e a autoridade constituída persistem em negar-lhes.

E apesar de estarmos absolutamente convencidos de que não há um problema feminista a resolver, mas uma questão social a solucionar, isto é, que a emancipação moral e política do género feminino depende da libertação económica dos povos da classe detentora dos meios de Produção e de Vida, não obstante esse nosso convencimento, fazemos votos pelo triunfo das reivindicações que o Congresso vem de agitar, esperando aceites a «igualdade dos sexos perante a lei», que reclamamos, apenas como uma «etapa» de longa jornada que o homem e a mulher precisam ainda trilhar para alcançar a meta da sua felicidade.

Lisboa, 9 de Maio de 1924. Saúde e Emancipação Social—Manuel da Silva Campos, Secretário geral da C. G. T.

O Congresso coroa por uma salva de palmas a saudação da C. G. T.

O sr. Armando Luis Rodrigues, pronuncia um ligeiro discurso, enaltecendo-

O PROLETARIADO REIVINDICA OS SEUS DIREITOS!

Os operários corticeiros repudiaram altivamente uma oferta miserável dos industriais

A greve de transportes urbanos em todos os centros do país recebeu o apoio de várias classes, entre elas, a dos marítimos

PORTO, 9.—Estamos na iminência duma greve geral. Se a catástrofe estúpida dos nossos governantes persistir, é inevitável o movimento do proletariado português a favor das classes dos transportes urbanos.

Esta acção de solidariedade que já entrou nos seus preliminares preparativos, impõe-se por duas razões de peso: 1.º porque se não deve consentir no emagamento brutal a que o poder incompetente do Estado, o qual só sabe governar extorquindo o contribuinte, «miseravelmente os chauffeurs», os cocheiros e carreteiros; 2.º porque, mercê da apatrida indiferença dos senhores do Fretado do Paço, estamos a braços com uma crise de trabalho, por falta de matérias primas.

Algumas fábricas já licenciaram o seu pessoal; outras estão em vésperas de o fazer. A construção civil está ameaçada de paralisar totalmente.

Em face desta situação crítica para todo o proletariado, que o coloca em duras contingências económicas, já pela interrupção forçada de determinados trabalhos, já pela forma pavorosa como os generos de primeira necessidade estão a subir—a União dos Sindicatos Operários definiu a sua atitude perante esta magna questão.

Ou as entidades competentes resolvem afrouxar a sua vaidosa casmurria, entrando no caminho da justa solução do conflito, ou a U. S. O., de harmonia com as suas colectividades aderentes, proclama a greve de protesto, até que

seja suspenso tam disparatado decreto. A agitação, neste sentido, segue o seu curso de desenvolvimento. Os sindicatos profissionais vão-se pronunciando claramente pela necessidade imediata de um movimento conjunto de todas as classes proletárias.

Mas as autoridades militares, que não desconhecem o espírito de revolta que as suas medidas arbitrárias estão a cultivar, julgam que apoderando-se de mais dízias de carros, de carros de bois e de «camionetes», e obrigando os desgraçados militares, todos soubentos do serviço que não lhes compete, às mais duras provas de ridículo—removem todas as dificuldades que contrariam a vida regular de toda uma cidade, quicá de todo um país.

Os clamores que de todos os lados se erguem para que se atenda à gravidade da situação e prevaleça a transigência para a suspensão do decreto até à conclusão de um estudo melhor e mais consentâneo com a justiça—não são ouvidos por quem se repoltroniza nas comodidades ministeriais e continua a encerrar os tímpanos para melhor galhar de todo um povo que se revolta contra as incapacidades dirigentes.

Como resposta à mobilização das praças licenciadas e dos veículos, alguns dos quais já andam em bolandas por essas ruas fora, os carregadores e descarregadores de terra e mar deliberaram já não descarregar ou carregar qualquer vatura em poder do exército. E para que esta resolução seja inte-

gralmente observada, e para que as classes fluviais e marítimas se apromptem eficientemente para coadjuvar o movimento da U. S. O., e possivelmente da C. G. T.—a Federação Marítima (Comité do Norte) deliberou todos os seus esforços junto daquelas respectivas classes para que elas, dado o grito de combate grevista, cumpram entusiasticamente com o seu dever.

O proletariado tem a palavra: é justo que ele saia do seu modernismo e que fale alta e eloquentemente.

A U. S. O., porém, não se interessa somente pela greve dos transportes urbanos. Ela procura também auxiliar, na medida do possível, a luta dos operários manipuladores de pão.

Os industriais mantêm-se na irreducibilidade. Publicam notas oficiosas repletas de falsidades. Afirmam, aos quatro ventos que a greve findou e que a laboração panificadora entrou em franca normalidade.

Todavia, encontram-se fora do serviço perto de 800 homens. A admitir-se a vigiarie industrial, somos forçados a concluir que aquelas centenas de operários viviam, anteriormente ao conflito, de expedientes, em vez de se empregarem na sua profissão.

Deu-se que aquela classe já não é precisa e que outra mais alta se levantou para a substituir... no fabrico de pão imperfeito.

Nem autoridades, nem patrões que rem terminarem com a contenda. Acham-

na, até, divertida—é a própria imprensa, com o cotidiano estribilho de que o pão não falta, mas abunda, dá-nos a entender de que não faz diferença a prorrogação do conflito.

Faz bem, pois, a U. S. O., lançar mão da questão, preparando o proletariado para socorrer a greve dos operários manipuladores de pão.

C. V. S.

Operários corticeiros

A oferta de 10 % tem sido repudiada por toda a classe

Os corticeiros vem mantendo a mesma firmeza dos primeiros dias. O seu movimento, que já se estende a 22 localidades, num número de grevistas superior a 11.000, prossegue com uma consoladora solidariedade, sendo por todos repudiada a oferta de 10 % que os industriais prometem.

Essa oferta, como já dissemos, é uma afronta que os operários não aceitam. Preferem continuar na luta a sujeitar-se a uma irrisório aumento. E' o que se desprende das comunicações chegadas.

Os industriais de cortiça, que tem feito verdadeiras fortunas à custa da miséria dos operários, não tiveram pejo em responder com um oferecimento de aumento de salário que é vexatório e indigno se olharmos a crescente exploração daqueles que possuem os generos de primeira necessidade para vender. A

vida está insuportável e não é com uns miseráveis 10 % que os operários corticeiros a podem enfrentar.

Como dizemos a solidariedade é absoluta, sendo necessário, porém, que os trabalhadores de transportes de mar e terra lhes emprestem também a sua solidariedade para que a vitória não seja demorada. E' um dever que está naturalmente indicado.

Alguns jornais tem deturpado as intenções dos grevistas, chegando a afirmar que a oferta dos industriais é superior àquela que de facto eles fizeram. O que nestas colunas se tem dito é a expressão da verdade. A greve foi declarada para impedir que o horário fosse alterado—o que já os grevistas conseguiram, sendo portanto uma vitória moral—e de reclamação de aumento de salário. E' por isso que todos os corticeiros portugueses lutam.

A Federação Corticeira já respondeu ao ofício dos industriais declarando não aceitar os operários os 10 por cento. Nesse ofício mais uma vez se salienta que a Federação tem uma comissão nomeada para tratar directamente do assunto com os industriais. Isto é lógico e espera aquele organismo que a sua racional pretensão seja tomada em conta.

Almada

Pelo delegado à Federação foi comunicado aos corticeiros na sua totalidade que os industriais já não alteram o horário de trabalho, mantendo no entanto a oferta de 10 por cento. A assembleia

Teatro Nacional

HOJE e AMANHÃ
realizam-se os dois últimos espectáculos com a vigorosa obra de
HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA
O CRIME DE ARRONCHES
Segunda e terça-feira não há espectáculo
QUARTA-FEIRA, 7 — RECITA DE ASSINATURA COM
O ORIGINAL PORTUGUÊS

Dentro do Castigo

O proletariado reivindica os seus direitos

(Continuação da 1.ª página)

úctias vindas na imprensa burguesa no intuito de deturparem o nosso tam belo e justo movimento. A classe reúne hoje, pelas 17 horas.

Castelo Branco

CASTELO BRANCO, 6. — O movimento dos operários corticeiros prossegue com um entusiasmo admirável. Nunca em Castelo Branco se viu uma união tão perfeita como agora. Tudo está a postos, visto que nem um só corticeiro, de qualquer dos sexos, se aproxima das fábricas. Não são necessárias comissões de vigilância, porque todos compreendem o seu dever de lutar por melhoria económica e moral.

Oxalá a classe em todo o país se saiba conduzir como aqui, porque a vitória é certa.

Os corticeiros reúnem todos os dias no seu sindicato, tendo por *A Batalha* conhecimento da marcha da greve.

Temos tido o grande prazer de ver os industriais Tavares a descarregar cortiças que tem chegado à sua fábrica pelo caminho de ferro.

Os descarregadores que fazem serviço na estação solidarizaram-se com o movimento, não mexendo em nada que diga respeito a cortiça.

Evora

EVORA, 8. — Mantém-se como no seu início a greve nesta cidade. Consta-se que a classe está possuída de grande entusiasmo para manter o movimento até vitória completa das reclamações, como no seu grandioso movimento de Maio e Junho de 1919, em que a sua inquebrantável energia de cinco semanas de luta venceu por completo as reclamações dessa ocasião formuladas pela Federação.

Viva a greve geral! Viva a Federação Marítima! Viva a Federação Corticeira!

Messines

MESSINES, 8. — Prossegue sem interrupções a greve dos operários corticeiros nesta localidade, estando todos no firme propósito de não retomar o trabalho sem que a vitória seja completa.

Poço do Bispo

Reúnida a classe para apreciar o estado do movimento, consta com entusiasmo que se mantém com a energia do primeiro dia e disposta até à vitória das reclamações e quando o comité o dê por findo.

Receberam saudações das camaradas

em nome do Grémio Acácio, o congresso.

O sr. César da Silva afirma que está ao lado das aspirações feministas.

O dr. sr. João Camões afirma a sua simpatia pelo Congresso. Ele constituiu um belo gesto de nobre audácia num país tam atrasado como Portugal.

A mulher — afirma o orador — tem sido explorada como instrumento económico e tem sido vítima de explorações políticas e religiosas.

O Congresso deve ser o ponto de partida para uma larga e inteligente propaganda feminista.

Essa propaganda é necessária, principalmente num país como este, onde existe uma grande falta de educação social.

Afirma a sua clara profissão de fé na «gerência das mulheres na esfera da vida social».

Em países onde a mulher tem actividade social, já foram votadas leis de reconhecimento e importante alcance social.

Devido à aborrecida actividade económica, 75 000 dos pais e 75 000 das mães vivem a maior parte do tempo afastados dos filhos. Estes, por sua vez, vivem a maior parte do tempo afastados da escola. É a rua, com a sua torpe dissolução, o meio de delinquência, onde a criança se desenvolve e cresce.

Numa visita que fez ao círculo escolar de Braga, notou que apenas 5 000 das crianças estavam isentas dos castigos da miséria humana. Devido às más condições económicas, existe em Portugal um problema de continua e progressiva inferiorização do povo.

Em 1920 a estatística da mortalidade era na América de 13,1 sobre mil e de 22,54 em Portugal. Se as condições de vida fossem diferentes ter-se-iam poupado, num só ano, 57 000 vidas!

Combate os capitalistas que se dedicam a uma actividade anti-social, favorável ao desenvolvimento dos seus apetites e do seu egoísmo.

Alude ao valor de algumas mulheres, salientando a parte notável que cabe a madame Curie, na descoberta do rádio.

O orador, depois de aludir à reforma da educação que apresentou ao parlamento, afirma que o povo há de sempre lutar pela liberdade contra todas as reacções.

O presidente, encerra a seguir o Congresso, afirmando a sua simpatia pelas aspirações feministas.

Mantemos a afirmação feita ontem: com raríssimas mas simpáticas excepções, foram os homens quem mais falhou e quem menos disse. O contrário sucedeu com as mulheres: com grande sobriedade e elegância souberam expor as suas ideias, de «elegância» para secentar que a graça, o «eterno feminino», não desaparece por a mulher enobrecer a sua inteligência e proclamar os seus direitos.

Coliseu dos Recreios

HOJE — A's 21,15 (9 1/4) — HOJE

1.ª representação da célebre ópera do maestro VERDI

RIGOLETTO

ESTREIA da notável soprano ligeiro

Sidónia Manetti

Ópera a preços populares

FAUTEUILS a 10\$00 — GERAL a 3\$50

O mais artístico e mais barato espectáculo de Lisboa

Toda a gente de bom gosto deve ir ao Coliseu

grande apoio para a conquista das nossas reclamações, e um admirável gesto de solidariedade.

Viva a greve geral corticeira! Viva a Federação Marítima!

Viva a greve geral corticeira! Viva a Federação Marítima!

Viva a greve geral corticeira! Viva a Federação Marítima!

Viva a greve geral corticeira! Viva a Federação Marítima!

Viva a greve geral corticeira! Viva a Federação Marítima!

Viva a greve geral corticeira! Viva a Federação Marítima!

Viva a greve geral corticeira! Viva a Federação Marítima!

Viva a greve geral corticeira! Viva a Federação Marítima!

Viva a greve geral corticeira! Viva a Federação Marítima!

Viva a greve geral corticeira! Viva a Federação Marítima!

Viva a greve geral corticeira! Viva a Federação Marítima!

Viva a greve geral corticeira! Viva a Federação Marítima!

Viva a greve geral corticeira! Viva a Federação Marítima!

Viva a greve geral corticeira! Viva a Federação Marítima!

Viva a greve geral corticeira! Viva a Federação Marítima!

Viva a greve geral corticeira! Viva a Federação Marítima!

Viva a greve geral corticeira! Viva a Federação Marítima!

Viva a greve geral corticeira! Viva a Federação Marítima!

Viva a greve geral corticeira! Viva a Federação Marítima!

Viva a greve geral corticeira! Viva a Federação Marítima!

Viva a greve geral corticeira! Viva a Federação Marítima!

Viva a greve geral corticeira! Viva a Federação Marítima!

Viva a greve geral corticeira! Viva a Federação Marítima!

Viva a greve geral corticeira! Viva a Federação Marítima!

Viva a greve geral corticeira! Viva a Federação Marítima!

Viva a greve geral corticeira! Viva a Federação Marítima!

Viva a greve geral corticeira! Viva a Federação Marítima!

Viva a greve geral corticeira! Viva a Federação Marítima!

Viva a greve geral corticeira! Viva a Federação Marítima!

Viva a greve geral corticeira! Viva a Federação Marítima!

Viva a greve geral corticeira! Viva a Federação Marítima!

Viva a greve geral corticeira! Viva a Federação Marítima!

Viva a greve geral corticeira! Viva a Federação Marítima!

Viva a greve geral corticeira! Viva a Federação Marítima!

Viva a greve geral corticeira! Viva a Federação Marítima!

Viva a greve geral corticeira! Viva a Federação Marítima!

Viva a greve geral corticeira! Viva a Federação Marítima!

Viva a greve geral corticeira! Viva a Federação Marítima!

Viva a greve geral corticeira! Viva a Federação Marítima!

Viva a greve geral corticeira! Viva a Federação Marítima!

Viva a greve geral corticeira! Viva a Federação Marítima!

Viva a greve geral corticeira! Viva a Federação Marítima!

Viva a greve geral corticeira! Viva a Federação Marítima!

Viva a greve geral corticeira! Viva a Federação Marítima!

São Carlos

— Telefone N. 3063 —

HOJE, às 9 1/2 (21,30 da noite)

EXITO FORMIDAVEL

A peça de Hermann Sudermann

As Fogueiras de São João

Registral criação de Lucília Simões

entusiasmadamente aplaudida e unanimemente elogiada

em que, também, muito se distinguem

Erico Braga e Amélia Pereira

Apimorada encenação do professor

Antonio Pinheiro

Musica de scena do maestro

Pedro de Freitas Branco

Deslumbrantíssimos cenários

de Luz e Almeida

Sexteto dirigido por RENE BOHET

Não há logão — Fria e Calor

rotas, 4\$00, 3\$00, 2\$00 e 1\$00

Fauteuils, 9\$00, e Varandas, 2\$50

Pórtio votado a greve geral em principio.

Este comité saúda todos os presos das classes de transportes em virtude do nosso movimento.

Avante, pois, sem desfalecimento!

A assembleia magna de hoje

Reúnem hoje, pelas 15 horas, na rua

Rodrigues Sampaio, no recinto conhecido pelo baile das Soperias, as classes

em luta contra o aumento das multas.

A reunião dos cocheiros

Em sua reunião efectuada ontem, às

15 horas, foi presente uma plataforma

que pretendia dar solução ao conflito suscitado pelo aumento das multas,

sendo por unanimidade rejeitada.

Entre vivas à organização operária,

foi deliberado continuar na luta, mantendo-se a mais estreita solidariedade

com as demais classes interessadas.

Os empregados de escritório em face do movimento

A direcção do Sindicato dos Empregados de Escritório, resolveu chamar a

atenção de todos os componentes da classe para que se não prestem a exercer

a missão dos condutores de carroças, com o que praticariam uma traição

a estas camaradas.

Foi aprovada também uma saudação às classes em greve.

Operários metalúrgicos

Continua em greve o pessoal da oficina

metalúrgica da firma Alfredo Fernandes

Lázaro & C., ao Beato.

Os grevistas encontram-se na disposição

de, para conseguirem o que justamente reclamam, não voltar ao trabalho

sem que sejam atendidos, atendendo à sua precária situação económica

derivada da constante carestia da vida.

S. U. Metalúrgico continua apelando para a consciência de todos os metalúrgicos,

esperando que ninguém vá trabalhar para a referida oficina, a fim de não traírem os camaradas em luta.

Manipuladores de Pão do Porto

NOTA OFICIAL DA COMISSÃO DE DEMARCHE

Esta comissão agradece a missão do delegado que foi a Lisboa, a fim de

acompanhar as «demarches» para a solução do conflito junto do ministro

da Agricultura, solução que abrangeria todas as cidades onde fôra declarada

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Manufactores de Calçado. — Reúnem os membros da Comissão de Melhoramentos que distribuíam listas de quotas pelos delegados de oficinas presentes.

De novo recomendamos aos delegados que não compareçam que devem fazê-lo sob pena de a comissão se desinteressar do aumento de salário nas oficinas que se não fizeram representar.

Hoje, das 8 horas em diante, encontrar-se-á na sede do sindicato um delegado que atenderá todos os camaradas.

Compositores Tipográficos. — Reúnem ontem a direcção, tendo aprovado novos sócios e resolvido oficializar a António Tavares, para que ultime as contas do último movimento das casas de obras, para se presente a classe.

Resolveram também oficializar ao governo e ao indulto dos presos por questões sociais, conforme o acordo no âmbito do 1.º de Maio, e a Ivo Duarte Costa, vogal substituto, para tomar «selectividade».

Saíram as classes dos transportes urbanos e corticeira, fazendo votos pelo triunfo das suas reclamações.

Tendo apreciado a subida do custo da vida resolveu para breve convocar uma assembleia geral onde será tratado tam magno assunto.

Manipuladores de pão. — Reúnem em conjunto as comissões administrativas e de «demarches», resolvendo publicar um manifesto de convite à classe, para reunir no próximo domingo, e avisar os vendedores de que devem, logo que sejam multados, comunicá-lo na sede do sindicato, para se impedir que as multas sejam pagas.

CONVOCAÇÕES

Operários do município. — Pela respectiva comissão profissional são convocados todos os operários das Matadouras a reunir hoje pelas 20 e meia horas, a fim de tomarem conhecimento das «demarches» realizadas até agora junto da vereação e bem assim tratar da situação de dois camaradas que se encontram suspensos à ordem dum despótico inspector. Que nenhum operário falte a esta reunião.

A BATALHA NO PORTO

Pessoal menor dos C. T.

PORTO, 9. — O pessoal menor dos correios e telegrafos reúne hoje, pelas 19 horas, na Associação dos Bombeiros Voluntários do Porto. Vão tomar deliberações importantes.

O pessoal maior paralisou. A Central Telefónica, na Praça da Batalha, foi há pouco tomada pelas forças militares.

Os ânimos estão excitados.

Do que se passou na reunião informaremos na próxima carta.

Desafres

Os que furam as greves

Foi hoje enviado ao Tribunal de Instrução do polícia chefe António de Oliveira — o 678 da 14.ª — que no dia 3 do corrente atropelou, dando-lhe morte instantânea, a uma infeliz senhora na Praça da Liberdade.

O 678 conduzia uma «camionette» e andava com outros da força 14.ª a «policiar» a cidade, não fez senão os grevistas fazer... o que não fez.

Como «eles» guiam

O soldado 1598, Manuel Diniz Pinheiro, que conduzia a 1.ª rua de Costa Cabral o «camião» 6089-S, entendeu que checaria mais depressa ao seu destino, atirando com o carro contra um muro. Dito e feito. O camião, apesar do seu furo gigantesco, ficou reduzido a cacos.

Aspectos das greves

A greve dos transportes mantém-se firmemente, o mesmo sucedendo à dos manipuladores de pão.

Devemos salientar aqui o brilhante papel da polícia e da tropa...

Ontem, na Praça da Liberdade, vimos soldados conduzindo carros de bois!

Ficamos iludidos. Até a conduzir bois se defende a Pátria!

Joaquina Ferreira de Sousa

Realizou-se hoje o enterro desta senhora, mãe de Sadi de Sousa, secretário geral do Sindicato Único Metalúrgico, e cunhado do antigo secretário geral da C. G. T., Manuel Joaquim de Sousa.

O saímento fúnebre, que teve lugar da rua da Bateria, 17, às Antas, para o Prado do Repouso, foi muitíssimo concorrido.

As organizações socialistas, anarquistas e sindicalistas, bem como os sindicatos operários, fizeram convites para o funeral.

A extinta era viúva do antigo e prestigioso militante socialista Inácio de Sousa. — C.

Agremiações várias

Associação dos Inquilinos. — A comissão encarregada de elaborar os estatutos reuniu ontem, resolvendo apresentá-los numa próxima assembleia.

2.000 «chauffeurs» em greve

NEW YORK, 9. — Estão em greve 2.000 «chauffeurs» de automóveis.

2.º Congresso da Indústria do Mobiliário

Reúne a comissão organizadora, que apreciou a necessidade urgente da realização do Congresso Corporativo.

Para este efeito tratou da recomposição da comissão, para o que se vai convidar alguns elementos.

Apreciações as dificuldades financeiras, resolveu-se oficializar a C. G. T. para que auxilie a realização do trabalho, a fim de se conseguir a efectivação do Congresso em Setembro ou Outubro.

SOLIDARIEDADE

Para se resolver vários trabalhos reúne hoje, pelas 21 horas a comissão pró-benefício de Carlos Martins.

Teatro São Luís

Empresa A. RAMOS, Lda.

Continua aberta a assinatura para as

7 ÚNICAS RECITAS 7

da Companhia ANDRÉ BRULÉ e MADEIRA LÉLY

A preferência para os srs. assinantes da Companhia Provost-Mauroy termina impreterivelmente no próximo dia 10.

TEATROS & CINEMAS

Recêlmes

O Teatro Nacional dá hoje e amanhã as duas últimas representações com a magnífica obra de Lopes de Mendonça «O Crime de Arronches» peça que tem tido um invulgar sucesso apresentada com um primeiro conjunto de interpretação constituindo um surpreendente espectáculo.

«Crime de Arronches» sai do cartaz devido a ter de subir à scena impreterivelmente quarta-feira o novo original português «Dentro do Castigo» que segunda e terça-feira realiza os seus últimos ensaios.

Lucília Simões, glória da scena contemporânea, acaba de obter um novo triunfo em São Carlos na interpretação da encantadora obra de Sudermann, «As Fogueiras de São João», que tem por parte dos restantes artistas um desempenho brilhantíssimo.

A representação de «As Fogueiras de São João» em São Carlos marca um autêntico êxito, e ali não deve faltar qualquer apreciador de espectáculos em que se presta culto à arte.

Sele. noites de estonteante alegria é arte vai ter o nosso público, indo de o dia 22 do corrente ao Teatro São Luís aplaudir o brilhante galã francês André Brulé no seu interessante repertório. Os principais papeis femininos serão interpretados pela ondanze atriz Madeleine Lély que Paris aplaudiu com tanto entusiasmo na peça «A Vertigem» de Charles Méré.

A recita de hoje, no Eden, é dedicada pela empresa Otelo de Carvalho aos bravos aviadores Brito Pais e Sirmonto Beires, revertendo a favor do «raid» Lisboa-Macau. O espectáculo é esplendido visto que além da deslumbrante revista «Fruto Proibido», com todas as suas atracções, haverá um acto consagrado à «Canção Nacional», na qual tomam parte as gentis artistas Laura Costa, Zulmira Miranda, Justina de Magalhães, Ema de Oliveira, Maria Litaly e Tina Coelho.

Para estreia da soprano ligeira Sidónia Manetti, vai hoje à scena, no Coliseu dos Recreios, em primeira representação nesta temporada, a célebre ópera «Rigoletto», cujo desempenho está a cargo dos principais elementos da companhia italiana Marion Odette.

Os preços populares do Coliseu dão acesso a que todos, ricos e pobres, possam ouvir a formosa voz.

Hoje realizam dois espectáculos: o primeiro, em «matinée», a preços populares; tem lugar às 15 horas com a sensacional revista «Arco Iris»; o segundo realiza-se à noite, com a repetição do espectáculo de ontem: a abrir Sainete lírico, «La Revoltosa» e a fechar «La Monterie».

Repete-se hoje, no Avenida, a desopilante e engraçadíssima comédia «O Conde Barão», cuja reprise foi festejada pelo público com vivo entusiasmo, tendo sido Chaby, Cremilda, Jesuina de Chaby, Irene Neves, Jorge Grave, etc., alvos de grandes aplausos.

Repete-se hoje no Salão Olimpia o espectáculo de ontem em que se exibiu as aventuras da graciosa Carmel Miel na «Epopéia de uma mulher», grandiosa maravilha cinematográfica conjuntamente com o dramático «film» «Redimido pelo amor». O sexteto cujo direcção está confiada a José Bonet executa um escolhido programa.

Ainda uma representação da «Ondina» esta noite se efectua no Politeama.

CARTAZ

As anilinas JACOBUS
para tingir em casa são as melhores
do mundo e as únicas cujo resultado se pode garantir
Peçam em todas as drogarias
de Produtos Químicos, L.^{da} Campo das Cebolas, 43, 1.º — LISBOA

Há duas revoluções a fazer: Uma nos espíritos e outra nas ruas. A segunda depende da primeira.

— Um revolucionário que não esteja é como um barco sem piloto.

— Eduquemo-nos e instruaemo-nos antes de pretendermos educar e ensinar os outros.

— O livro é o alimento espiritual do homem que deseja instruir-se.

Publicações sociológicas		Pelo correio		Pelo correio		Pelo correio		Pelo correio		MANUAIS DE OFÍCIOS		Pelo correio	
Organização Social Sindicalista	500 500	Henrique Leone. — O Socialismo	500 500	Trostky. — Constituição Política da República dos Soviets	850 850	Ultimas paginas	750 850	Teloteli	500 500	Fabricante de tecidos	10000	Humorajaj	1500
Itanelli. — A Rússia bolchevista	350 350	Henrique Balgado	700 700	Um de Nós. — A Canha	100 100	Ernesto da Silva. — Teatro livre e Artesanal	600 600	Sonata de Kreutzer	400 500	Fogoleiro	12000	Vortaro-Kabe	12000
Comuna	500 500	Ocidente	700 700	Obras de literatura, sciencia e ensino	500 500	Ernesto Haackel	1500 1700	Toulous. — Como se deve educar o espirito	400 500	Formador e educador	10000	Krestomator-Zamenhof	15000
A importancia e o proletariado	500 500	Religio da morte	250 250	Alexandre Herculanol	500 500	Historia da Crisologia	8000 9000	Francis Belgica (2 v.)	800 900	Formador	10000	Poskandareno — 1923	2500
Porque não creio em Deus	100 100	João Grava	400 400	O Monge de Clister (3 volumes)	1000 1000	Ordo Homem	1000 1100	Noventa e tres (3 v.)	300 300	Piloteiro	10000	Stranga Heredajo	17500
O proletariado historico	100 100	Associação Futura	400 400	O Monge de Clister (3 volumes)	1000 1000	Os enigmas do universo	1000 1100	O Reino (1 v.)	1200 1300	Gravura quimica, electrica e fotografica	3500	Vojojo interne de mia cãm	3500
Agência Lux	500 500	Anarquias e malias	900 900	Lendas e Narrativas (1 volume)	1500 1600	Monismo	500 500	Os miseraveis (2 grossas volumes)	400 400	Cimento armado	20000	La fundo de l' mizeroso	3500
O Sindicalismo e os latifundistas	500 500	O individuo e a sociedade	400 400	Cartas (2 volumes)	1500 1600	Inicio filosofico	500 500	Zola	500 500	Acabamentos de construções	10000	Bildotabuloj (para conversação)	15000
Land. — A greve geral	400 400	Joseph J. Etton. — Unioes sociais	500 500	Adolfo Lima	2000 2100	Parla de Vascos	800 800	Tereza Rajati	400 500	Alvenaria e cantaria	10000	Enciclopedia Vort. Verax	20000
Macounie. — No sentido em que somos unidos	500 500	José Guadalupe. — A lei dos avia	400 400	Contrato de Trabalho	2000 2100	O Ensino Ethico-social	400 400	Alegria da vida (1 v.)	800 900	Edificações	10000	Hebraej Rakontoj	6500
Macounie. — A ditadura do Proletariado	100 100	Justus Ebert. — Osl W. W. na 1905 na pratica	250 250	Edificios e castelo	400 400	Problemas escolares	400 400	A conquista de Pissana (2 v.)	800 900	Encanamentos e salubridade das habitações	10000	Historio de La Lingvo Esperanto	6500
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Krapotkin	500 500	O Ensino da Historia	800 800	Por terras de alien mat	400 400	Aforisma dos Rougas (2 v.)	800 900	Trabalhos de carpintaria civil	10000	Vivo de Zamenhof-Privat	20000
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	A modernidade	500 500	Alfredo Neves Dias. — Razão (poema social)	400 400	Felix de Almeida	600 600	Uma pagina de amor	800 900			La Rego de la Montoj (il Dore)	12000
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	A Anarquia, sua historia e sua ideal	1000 1000	Aquino Ribeiro	400 400	Liberto Galante	700 800					Mistero de Doloro	6500
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	A Grande Revolução e a moral anarquista	800 900	Anatole France	400 400	Estancias de Arte e Cidadão	800 900					Karmen	4500
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	A moral anarquista	800 900	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Contos	800 900						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Os passadinhos da guerra	800 900	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	A Esquina	700 800						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	O Estado e o seu papel historico	1000 1000	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Aves Migradoras	700 800						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	O Espírito revolucionario	800 900	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Barbaria e gentileza	700 800						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Lazarus	800 900	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Cidade do Vicio	700 800						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	N. Lénine	800 900	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Paiz das Uvas	700 800						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Os Problemas da Poderada Sovieta	1000 1000	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Salm Quantos	700 800						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Lazarus	800 900	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Vida Ironica	700 800						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	A Social Democracia na Alemanha	800 900	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Georgio	400 500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Guerra Junqueiro. — A Velocidade do Padre Eterno (encadernado de luxo)	1200 1500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Brochado	1200 1500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Brochado	1200 1500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Brochado	1200 1500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Brochado	1200 1500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Brochado	1200 1500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Brochado	1200 1500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Brochado	1200 1500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Brochado	1200 1500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Brochado	1200 1500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Brochado	1200 1500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Brochado	1200 1500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Brochado	1200 1500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Brochado	1200 1500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Brochado	1200 1500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Brochado	1200 1500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Brochado	1200 1500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Brochado	1200 1500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Brochado	1200 1500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Brochado	1200 1500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Brochado	1200 1500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Brochado	1200 1500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Brochado	1200 1500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Brochado	1200 1500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Brochado	1200 1500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Brochado	1200 1500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Brochado	1200 1500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Brochado	1200 1500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Brochado	1200 1500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Brochado	1200 1500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Brochado	1200 1500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Brochado	1200 1500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Brochado	1200 1500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Brochado	1200 1500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Brochado	1200 1500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Brochado	1200 1500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Brochado	1200 1500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Brochado	1200 1500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Brochado	1200 1500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Brochado	1200 1500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Brochado	1200 1500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Brochado	1200 1500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Brochado	1200 1500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Brochado	1200 1500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Brochado	1200 1500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Brochado	1200 1500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Brochado	1200 1500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Brochado	1200 1500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Brochado	1200 1500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Brochado	1200 1500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Brochado	1200 1500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Brochado	1200 1500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Brochado	1200 1500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Brochado	1200 1500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Brochado	1200 1500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Brochado	1200 1500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Brochado	1200 1500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Brochado	1200 1500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Brochado	1200 1500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Brochado	1200 1500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Brochado	1200 1500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Brochado	1200 1500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Brochado	1200 1500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Brochado	1200 1500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Brochado	1200 1500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Brochado	1200 1500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Brochado	1200 1500						
Phapeller. — Porque não creio em Deus	100 100	Manuel Ribeiro. — Na linha da	250 250	Estancias de Arte e Cidadão	800 900	Brochado	1200 1500						